

# KULTURKAMPF: EXISTE SAÚDE NA DÉCADENCE? - MODERNIDADE EM NIETZSCHE

DAVID BARROSO\*

...da con-centração de força; a última luta a ser vencida  
é contra si mesmo, ainda que seja a primeira a ser travada...

O Litoraneo

**Resumo:** Ao diagnosticar a época da Modernidade como *décadent*, Nietzsche buscou uma crítica dos valores morais a partir da perspectiva sobre a vida do homem e(m) sua cultura. Neste horizonte surge a noção de transvaloração, e a Modernidade é vista como uma “época de transição”. Para Nietzsche, somente na grande saúde a travessia é possível, mas qual é a sua expressão?

**Palavras-chave:** Vida. Cultura. Filosofia.

**Abstract:** *Nietzsche diagnosed the epoch of Modernity as décadent and endeavored a critique moral values from the perspective in the life. In this horizon appear the notion of transvaluation and the Modernity is seem as a “transition epoch”. For Nietzsche, its crossing only is possible in great health but what is its expression?*

**Keywords:** *Life. Culture. Philosophy.*

---

\* David Barroso de Oliveira. Mestrando em Filosofia – Universidade Estadual do Ceará (CMAF).

Um dos grandes temas pensados no Ocidente do século XIX: a existência. Nietzsche articulou-a com a noção vida – referente à força [*Kraft*], ao instinto [*Instinkt*], ao impulso [*Trieb*] - como componente basilar à noção de cultura [*Kultur*]. Cultura, espiritualmente nobre, como “unidade de estilo artístico em todas as manifestações da vida de um povo” (UB/CoEx-I, I), e estilo de caráter do indivíduo (FW/GC, IV, 290), à imagem da Grécia antiga, Roma e Itália renascentista. Este tipo cultura pensada em oposição ao tipo cultura *décadent*. Esta, espiritualmente escrava, como “falta de estilo ou a confusão caótica de todos os estilos” (UB/CoEx-I, I), à imagem da civilização ocidental moderna. Esses tipos cultura são manifestações da intensidade (da vontade) de poder (de força vital) do ato criador de seus respectivos tipos homem, vivendo existências distintas, ainda que historicamente correlacionados. Essa oposição (homem/cultura) nobre-*décadent* entrelaça-se às grandes noções da filosofia nietzscheana, a exemplo: “espírito livre”, “vontade de poder”, “moral nobre”, “transvaloração dos valores”, “grande política” - todas relacionadas e relativas a outras em função de valorações tipológicas<sup>1</sup>. ?

Com registro histórico-cultural mais interpretação psicofisiológica e axiológica dos modos de expressão, Nietzsche diagnostica o declínio [*Niedergang*] da civilização ocidental moderna, fundamentada na tradição (metafísica) de seus (juízos de) valores, “sob o domínio de ideias religiosas”, como condicionante aos meios para a formulação do ideal ascético, “agora apenas metafísico, não mais religioso” (FW/GC, III, 151). Sintomatologia. Esse declínio, expressão de *décadence* dos processos fisiológicos, gera caoticidade (dos instintos e impulsos) da vida, desvalorização (dos valores) da tradição e, no limite, descrença dos ideais (ascéticos). Manifesta-se a diminuta tensão (da coerção) social, “mediante egoísmos que se opõem selvagememente e como que explodem”, em luta por interesse e poder (pessoal), com a qual “tudo à sua volta é corrompido e corrompe” (GB/BM, IX, 262). Há desconfiança na vida, “a vida mesma tornou-se um problema” (FW/GC, Prólogo, 3). Crise existencial, “vontade de negação da vida, princípio de dissolução e decadência” (GB/BM, IX, 259). E a moral, questão de vida. Posologia. “Nessas viradas na história”, Nietzsche enuncia sua exigência: “necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão” (GM, Prólogo, 6). A grande tarefa, transvaloração dos valores (desvalorizados).

Visando a transvaloração, Nietzsche experimenta o pensamento sobre a natureza do homem (corpo-mente) criando meios “para fins de cultivo” do tipo homem nobre,

1 Usamos as traduções de Paulo César de Souza aos termos *Instinkt*, *Trieb* e *Unzeitgemäße*. Sua tradução ao termo *Umwertung der Werte* é “tresvaloração dos valores”. A justificativa está em *Ecce Homo* (I), nota 5. Porém, mantemos a de Rubens Rodrigues Torres Filho (Os pensadores). Para *Wille zur Macht*, usamos “vontade de poder”. Sobre isto, Thiago Mota: “Para se desligar do engodo nazista, *Macht* não era concebido como *pouvoir* (poder). Era entendido como *puissance* (potência)” (Nietzsche, Foucault e o sentido da Genealogia, p. 118).

relacionando-o à *décadence* (moderna), “em que avulta aquele tipo mais fraco”, visto que “os dois tipos estão relacionados e se originam das mesmas causas” (GB/BM, V, 200). Esta visão foi o que mais profundamente ocupou-o (W/CW, Prólogo), seu mais longo exercício, sua verdadeira experiência, e nisso tornou-se mestre (EH. I, 1). No horizonte de possibilidades de significação à noção de transvaloração, pela correlação entre tipos homem/cultura (nobre-*décadent*), vislumbramos sua mestria sobre o tempo de *décadence* para o cultivo da nobreza espiritual. As palavras tornam-se elas mesmas evidentes no universo semântico de sua filosofia. Mas, como toda palavra é uma máscara (GB/BM, IX, 289), o belo desse universo apenas pode ser sentido e valorado através da visão de cada interpretação. Talvez, ao término deste escrito, (en)saiamos com dúvidas e/ou curiosidades mais do que com certezas (e/ou erros), já que por detrás pode haver muito mais...

Segue o diagnóstico. O homem perdeu o sentido, a finalidade, a unidade, a fé na existência da vida: o problema (do valor) da vida. O símbolo deste niilismo (WM/VP, I, 2), o grito do “homem louco” [*der tolle Mensch*]: “Deus está morto!” (FW/GC, III, 125). Em quase toda época, “em quase toda parte, é a loucura que abre alas para a nova ideia” (M/A, I, 14). Doravante, “o 'mundo verdadeiro' acabou se tornando uma fábula” (GD/CI, IV). Abre-se a monstruosa lacuna da existência. O *horror vacui* intensifica-se. Salve-se quem puder. Típico homem moderno: pessimista, doentio, ressentido com ódio e sentimento de vingança contra (su)a vida e aqueles que, apesar dos pesares, vivem-na: “a simples vista do vitorioso é odiada” (GM, III, 14). Esse descentrado da “barbárie da cultura” mal-compreende seus instintos e impulsos caoticamente desagregados – estilo de vida sem estilo. Sem lutar, entrega-se aborrecido até a mórbida “depressão fisiológica”, em crise existencial. Má-compreensão da dor: entorpecimento – a rápida fuga de si; um bom negócio (do vício). Nesta “vida declinante, a diminuição de toda força organizadora” (GD/CI, IX, 37), está “a causa de todas as imbecilidades” (GD/CI, IX, 40). Nas imbecilidades da vida co-existem as variações dos tipos homem e, com elas, “esses fracos – também eles desejam ser os fortes algum dia” (GM, I, 15). Aparição do sacerdote [*Priester*]: “o oposto de todos os *décadents*” (AC, 24), mas, ressentido por não lograr em si mesmo vitória, um ambicioso corruptor por poder. Seu artifício-mor de dominação, “para a preservação da vida” (GM, III, 13), o ideal ascético. Ele “tem nesse ideal não apenas sua fé, mas também sua vontade, seu poder, seu interesse” (GM, III, 11), de tal modo que teve de representar-se como *décadent* até obter a ilusão (do autoengano) de que o era<sup>2</sup>.

---

2 Sobre isto, Gustavo Costa: “Nietzsche vê esse *processo de incorporação* presente no modo de constituição do caráter de artistas, e também nos 'condutores de rebanho'. [...] Artista e 'condutor de rebanhos' seriam aqui espécies de atores autoenganados que, indo tão longe quanto possível na similitude, acabariam por incorporar um personagem, deixando enfim de ser atores” (Hipocrisia, moralidade, caráter, p. 133-134). O que é chamado de artistas e condutores de rebanhos, aqui chamamos, respectivamente, filósofos nobres e sacerdotes. Estes naturalmente opõem-se entre si, ao serem hipócritas, pela finalidade – um, por necessidade, pela nobreza, o outro, por acaso, pela fraqueza.

A representação (hipócrita) naturaliza seu “instinto do *ressentiment*, tornado gênio” (AC, 24) - “gênio teatral”, “gênio no ódio” -, no “sangue de teólogo”, enquanto “instinto de cura e proteção de uma vida que degenera”, ou seja, “instinto de caçador para todos aqueles que, de algum modo, possam ser levados ao desespero” (M/A, I, 64). Ao sacerdote, astucioso oportunista, “a *décadence* é apenas um meio” (AC, 24). O “poder [*Macht*] do seu desejo” espera manter “apegado à vida todo o rebanho de malogrados”. Restaurador da fé do moderno tipo homem fraco e até do “forte, mas malogrado” (AC, 22), esquivava-se “mentirosamente da realidade” (AC, 15), por meio do ideal ascético, para conservá-los do sofrimento da crise existencial. Torna-se “senhor dos sofredores”, pela “formação do rebanho”, para o “avanço e vitória essencial na luta contra a depressão” (GM, III, 18): “autoconservação é apenas uma das indiretas” (GB/BM, I, 13). Numa “transformação conceitual”, “a fraqueza é mudada mentirosamente em mérito” (GM, I, 14) e, numa transvaloração, chamada de “religião da compaixão” (AC, 7). Com esta, a “rebelião escrava na moral” possibilita ao sacerdote e seu rebanho de sofredores (dependentes) retornarem à luta pela vida – e “onde se luta, luta-se por poder...” (GD/CI, IX, 14), mas também “o poder imbeciliza...” (GD/CI, VIII, 1). Suas armas: instrumentos de cultura, juízos de valor (moral), convicções (crenças), conceitos de culpa, pecado e castigo... Estratégias: “ordem moral do mundo”, “arte de mentir santamente”, “civilização [*Zivilisation*] e domesticação [*Zähmung*] do homem”... Dessa luta pela vida, “uma grande realidade: a condição doentia do tipo de homem até agora existente” (GM, III, 13).

O olho clínico de Nietzsche compreendia, nas condições normais (da cultura) de promoção e conservação (do homem), a “essência da vida” (GM, II, 12) que “é precisamente vontade de poder” (GB/BM, IX, 259). E, percebia a natural “primazia das forças espontâneas, agressivas, expansivas, criadoras de novas formas, interpretações e direções, forças cuja ação necessariamente precede a 'adaptação'. [...] A vontade de vida aparece ativa e conformadora” (GM, II, 12). A (vontade de) vida, que é vontade de poder, em suas variações de intensidade, “nos força a fixar valores, a própria vida valora através de nós quando fixamos valores...” (GD/CI, V, 5), pois “a natureza é sempre isenta de valor” (FW/GC, IV, 301). O homem, “um animal venerador” (FW/GC, V, 346), “o animal avaliador” (GM, II, 8). A moral, “uma interpretação de certos fenômenos” (GD/CI, VII, 1): o problema (do valor e da valoração) da vida travestido no problema (do valor) da moral.

A intensidade (qualitativa) do poder de força da (vontade de) vida valora as condições de existência, pela expressão do ato criador e (con)formador, do (tipo) homem. Como interpretação também é ato criador (valorador e valorável), a qualidade de força da (vontade de) vida (poder) equivale-se à força valorativa do ato de interpretar que, por sua vez, corresponde-se com a moral, num tipo cultura, em função da própria vida<sup>3</sup>. Vida quer

3 Werner Stegmaier: “Nietzsche emprega o conceito de Compreensão; com os conceitos de Compreender e Ser-compreendido, ou ainda de 'compreensibilidade'. [...] Eles convergem no conceito de interpretação,

(mais) vida: garantir-se (na luta) para expandir-se (pela luta). Intensidade/qualidade do poder (de vida), valoração, interpretação/ato criador, cultura, moral<sup>4</sup>. À noção de valor, Peter Pál Pelbart: “*sintoma* de um tipo de vida de uma formação de domínio; [...] *instrumento* pelo qual um tipo de vida se impõe, se conserva ou trata de expandir-se; [...] *condições de exercício* da vontade de potência”<sup>5</sup>. A partir da intensidade/qualidade do poder de força vital, o valor dá-se no ato interpretativo (da existência) como sintoma, instrumento e condição de exercício, à criação da cultura, como formação de domínio, em prol da conservação e promoção da vida.

O sacerdote utiliza os grandes conceitos inerentes à cultura para criar ideal ascético, estandarte moral do rebanho, retirando da vida seu centro de gravidade para o “além”, no “nada” [*Nichts, Nihil*] (AC, 43). Rejeita a vida na existência para afirmar outra além: “este Não é seu ato criador” (GM, I, 10). Sua vontade de poder é vontade de nada: “vida contra vida”. A qualidade da força de seu gênio força-o à negação da vida na existência real da natureza: “a vida luta nele e através dele com a morte, contra a morte” (GM, III, 13). Na luta por poder (pela vida), “somente lhes convém a mentira desonesta” (GM, III, 19) ao domínio do ideal ascético - “o sacerdote desvaloriza, dessacraliza a natureza: é a esse preço, afinal, que ele subsiste” (AC, 26) até a Modernidade. Do natural mundo da vida real ao ideal mundo fictício do nada: efeito histórico da transvaloração sacerdotal. Niilismo, como processo histórico da cultura Ocidental, a própria “lógica da *décadence*” (WM/VP, I, 43). Escreve Nietzsche: “a *décadence* mesma não é nada que se deva combater”, e, sim, “a passagem do contágio para as partes saudáveis do organismo” (WM/VP, I, 41). Junto à isto, “é preciso ir em frente, quer dizer, passo a passo em frente na *décadence*” (GD/CI, IX, 43). Às imbecilidades, no limite, radicalizar - da desvalorização à transvaloração.

Modernidade: período de maior conflito e tensão espiritual, “ponto inquietante e perigoso”. O desvalor (do valor) da vida - costume, tradição, moral: a grande corrupção. Escreve Nietzsche: “os tempos corrompidos são aqueles em que as maçãs caem das árvores. [...] Apenas um termo injurioso para as épocas outonais de um povo” (FW/GC, I, 23). As condições *décadents* do tempo condicionam a relação agônica entre os tipos homem (boa Éris?). Em oposição àquele tipo *décadent*, Nietzsche registra: “os mais antigos filósofos

---

com o qual o Nietzsche tardio passa a traduzir frequentemente seu conceito de vontade de poder” (*Linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche*, p. 66).

4 Sobre relação *quale-quanta*, Wolfgang Müller-Lauter: “só se pode entender a dinâmica dos *quanta* se se admite um determinado *quale*. Desse modo, nem todas as qualidades se deixam reduzir a quantidade. [...] Só se pode encontrar a qualidade única de Nietzsche em tal vontade fundamental. Por fim, o filósofo cunhou para ela o nome vontade de potência. [...] A vontade de potência é, na verdade, a qualidade comum ao que é quantitativamente distinto (conforme a potência). [...] Aquele que é potente por si mesmo, pois, é aquele que se transforma sem cessar, aumentando ou diminuindo a potência. [...] A vontade de potência necessita de antagonismo, que, sem dúvida, só pode ser vontade de potência. É, antes de tudo, o antagonismo que faz dela vontade de potência” (*Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*, p. 57, 62, 68, 72, 73).

5 *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*, p. 98.

souberam dotar sua existência e sua aparência de um sentido [*Sinn*], uma base e um fundo [*Hintergrund*] em razão dos quais outros aprenderam a temê-los” (GM, III, 10). Esses “antigos filósofos” simbolizam o ato criador do tipo homem (de cultura) nobre. Também pessimista, mas da “fortitude”, pois sofre de “uma propensão intelectual para o duro, o horrendo, o mal, o problemático da existência” (GT/NT, Tentativa de autocritica, 1). Realista, “sem fé no homem”, aceita, suporta o tectônico *horror vacui* do abismo [*Abgrund*] da crise existencial até “poder responder por si, e com orgulho, ou seja, poder também dizer Sim a si mesmo” (GM, II, 3): este Sim é seu ato criador. Seu instinto de liberdade, instinto dominante, sua consciência [*Gewissen*] – na linguagem nietzscheana: “vontade de poder” (GM, II, 18). A partir da própria força vital, esse tipo homem pode valorar e criar, em referência a si, um sentido à vida, com o qual seu ato criador (con)forma uma unidade de estilo ao seu caráter e cultura – um estilo de vida estiloso. *Não é à toa*; “vitoriosos”, temidos, odiados. Sondamos: qual o real valor desse “homem real” (GD/CI, IX, 32)? - Nietzsche indica o “melhor advogado, a evidência” (FW/GC, IV, 277).

Numa linguagem sem “moralina”. Como “na vida real há apenas vontades fortes e fracas” (GB/BM, I, 21), os tipos homem relacionam-se para compor o “fato primordial de toda a história” (GB/BM, IX, 259), como “verdadeiro *progressus*”: “todo acontecimento do mundo orgânico é um subjugar e assenhorar-se, e todo subjugar e assenhorar-se é uma nova interpretação, um ajuste, no qual o 'sentido' e a 'finalidade' anterior não são necessariamente obscurecidos ou obliterados”. Mas, nessa luta por poder (pela vida), “todos os fins, todas as utilidades são apenas indícios de que uma vontade de poder se assenhorou de algo menos poderoso e lhe imprimiu o sentido de uma função” (GM, II, 12). À “moralina”. Toda desvalorização (dos valores) da tradição equipara-se à perda do sentido à existência da vida (real), e toda perda de sentido requer uma “inversão na equação de valores”, em transvaloração, na qual pode afirmar ou negar, por vários modos, a vida na existência. Está aí o ciclo vital (da moral) da cultura, do valor, do poder (da vida). Modernidade: tempo de *décadence*, “época de transição” (FW/GC, V, 356).

Escreve Nietzsche: “entre um gênio e sua época há uma relação como a existente entre fortes e fracos” (GD/CI, IX, 44). Sua visão: “está surgindo uma nova espécie de filósofos. [...] Esses filósofos do futuro bem poderiam, ou mesmo mal poderiam ser chamados de tentadores [*Versucher*]. Essa denominação mesma é, afinal, apenas uma tentativa [*Versuch*] e, se quiserem, uma tentação [*Versuchung*]” (GB/BM, II, 42) - “filósofos do perigoso 'talvez' a todo custo” (GB/BM, I, 2). “Propensão intelectual”; a “filosofia é esse impulso tirânico mesmo, a mais espiritual vontade de poder” (GB/BM, I, 9). São desses filósofos (criadores e criativos) a grande tarefa de transvaloração: “ensinar ao homem o futuro do homem como sua vontade [*Willen*]” (GB/BM, V, 203), “o ato de suprema autognose da humanidade” (EH, IV, 1). E, continua: “esse filósofo se utilizará das religiões para a sua obra de educação e cultivo [*Züchtungs und Erziehungswerke*], do mesmo modo que se utilizará das condições

políticas e econômicas do momento” (GB/BM, III, 62) – a dignidade da filosofia retomada em seu tempo (UB/CoEx-III, VIII): o problema (do valor) da (significação de) filosofia (na e para a Modernidade).

O filósofo, o mais nobre dentre os nobres. Seu poder de força vital para reconhecer (su)a condição doentia e transvalorá-la é natureza espiritual: assenhorar-se para transvalorar (em si) valores (*décadents*), dotar (su)a vida de sentido e (con)formar estilo (caráter-cultura). Em suma: destruição e criação... Para novas e originais realidades: “somente enquanto criadores podemos destruir!” (FW/GC, II, 58), pois, sendo “da constituição básica da existência o fato de alguém se destruir ao conhecê-la inteiramente” (GB/BM, II, 39), é *conditio sine qua non* o sentido (transfigurador e estilizante) à existência da vida (real): o problema (do valor) do sentido. Valor, sentido, moral balizam o tipo cultura em função (da promoção, conservação) da vida. A intensidade do poder de força qualifica a criação do tipo cultura. O grau qualitativo da intensidade do poder (forte, fraco) expressa-se na dimensão quantitativa do ato criador/interpretativo (de transvaloração, transfiguração, estilização). O baixo grau de qualidade de poder é ruim, torna feio, pois seu ato criador ambiciona expressar-se numa dimensão quantitativa além da qual pode afirmar, por meio do arrebanhamento da vida *décadent*. Astúcia da vida que luta corrompendo para conservar-se e promover-se: “o grande número se tornou senhor” (AC, 51). A relação *quale-quantum* da vontade de poder opõe, no limite, os transvaloradores.

Ao transvalorador nobre, filósofo: “necessita antes 'superar' em si próprio este tempo – é a prova de sua força” (FW/GC, V, 380) – o que não realiza o sacerdote, pois o utiliza com paixão, prazer. Escreve Nietzsche: “que exige um filósofo de si, em primeiro e último lugar? Superar em si seu tempo, tornar-se ‘atemporal’ [*Unzeitgemäße*]. Logo, contra o que deve travar seu mais duro combate? Contra aquilo que o faz filho de seu tempo”. Fluxo-refluxo do poder de força vital dos instintos-impulsos, tornar-se “atemporal” no tempo. Continua: “tanto quanto Wagner, eu sou filho de seu tempo; quer dizer, um *décadent*: mas eu compreendi isso, e me defendi. O filósofo em mim se defendeu” (W/CW, Prólogo). A luta contra si mesmo: transvalorar os valores do tempo naturalizados culturalmente na memória, tornar-se “atemporal” no tempo, transfigurando a existência, estilizando o caráter. Destruir-se, criar-se... A primeira tarefa (antes) da grande tarefa. Por isto, escreve Nietzsche: “as crises fazem filosofia”. Indaga: “que virá a ser do pensamento mesmo que é submetido à pressão da doença?”. Ao pôr-se à prova [*Proben*], “o experimento é possível”: se “num homem são as deficiências que filosofam, no outro, as riquezas e as forças” (FW/GC, Prólogo, 2). E afirma, ao até então nobre “acaso feliz”: “queremos examinar nossas vivências do modo mais rigoroso, como se faz uma experiência científica, hora a hora e dia a dia! Queremos ser nossos experimentos e nossas cobaias” (FW/GC, IV, 319).

No experimentar de si, experimenta o fluxo-refluxo do poder vital (na agônica relação de forças), para examinar-se visando compreender-se, interpretar-se para poder superar-se,

transvalorar-se, estilizar-se. A compreensibilidade da (auto-)interpretação do experimento (de si) equivale-se à qualidade do poder de força – que dista o tipo homem nobre do *décadent* (nota 4). Quanto melhor o poder de força, mais pode experimentar(-se) e mais bem compreender(-se), (auto-)interpretar(-se), afirmando a crise existencial da vida, em função do cultivo nobre do caráter-cultura. A cada (auto-)interpretação, mais bem compreende o movimento de instintos-impulsos e, na organização hierárquica desses, melhor conforma e unifica o estilo do caráter, ao domínio de si e das circunstâncias (acaso, destino). Quanto melhor a força, mais ativa, profunda é a transvaloração dos próprios valores e mais único, belo o estilo da (segunda) natureza (real). Do tipo homem *décadent*, apenas o sacerdote alcançaria patamar próximo, porém, ainda assim, alguém de onde partiria o tipo nobre, pois, sendo “senhor dos sofredores”, não quer transfiguração, estilização ao desejar indecentemente o poder dessacralizante da natureza ao cunhar (su)a “moeda falsa” em (co)dependência. Dos nobres, o filósofo é o mais mal-compreendido. Na crise, compreende/interpreta o fluxo-refluxo de seu poder de força para, na abundância de vida, enfrentar posologicamente (su)a *décadence*. A (nobre) filosofia acontece, no “apreender os limites da razão” (AC, 55), a “arte da transfiguração” (FW/GC, Prólogo, 3).

Nos experimentos de si, afirma Nietzsche: “devemos aprender com os artistas, e no restante ser mais sábios do que eles. [...] Queremos ser os poetas-autores de nossas vidas” (FW/GC, IV, 299) - isto “é, sobretudo, não ser – ator” (FW/GC, V, 356); não se fazer “gênio teatral” enquanto “gênio no ódio” (nota 2). Nessa (auto-)afirmação corajosa, honrosa ao cultivo do domínio de si para “tornar-se o que se é”, seja lá o que se for, “sucesso e fracasso são antes de tudo respostas” (FW/GC, I, 41), dado que “entre as condições para a vida poderia estar o erro” (FW/GC, III, 121). Entretanto, “erro é covardia... Cada conquista, cada passo adiante no conhecimento é consequência da coragem, da dureza consigo, da limpeza consigo...” (EH, Prólogo, 3) - “os homens mais espirituais, sendo os mais fortes, encontraram sua felicidade onde outros encontrariam sua destruição” (AC, 57). Refletimos: em meio aos subterfúgios sentimentais, torções conceituais e distorções culturais, “como se pode colocar em jogo a saúde e a honra pela paixão do conhecimento, por exemplo” (FW/GC, I, 3), visto que “na dor há tanta sabedoria como no prazer” (FW/GC, IV, 318)? Sofrimento, o doloroso fluxo-refluxo da relação de forças é provado e, por isto, pode ser (mal-)compreendido, tendo em vista a qualidade do poder de força vital do ato criador/(auto-)interpretativo, em função do restabelecimento - “o que não me mata me torna mais forte” (GD/CI, I, 8). Escreve Nietzsche: “a hierarquia é quase que determinada pelo grau de sofrimento a que um homem pode chegar. [...] O sofrimento profundo enobrece; coloca à parte” (GB/BM, IX, 270) Continua: “duvido que uma tal dor 'aperfeiçoe' -; mas sei que nos aprofunda” (FW/GC, Prólogo, 3): o problema (do valor) da dor/sofrimento.

O tipo homem nobre avista, na alegria da saúde, suas fraquezas, no sofrimento convalescente, suas forças. Suas vivências, estimulantes. Suas experiências, conhecimento. Reúne-se: “ser honesto, ainda que no mal”, “prazer e força na autodeterminação”, “descrever de ‘infortúnio’ como de ‘culpa’”, “ter responsabilidade”, “viver perigosamente”, “saber sofrer”, “não sucumbir à aflição e incerteza interior”... Nos “exercícios de autodomínio”, “deve ter algo de errante, que tenha alegria na mudança e na passagem” (MA/HH, IX, 638). Prova de independência, o “poder olhar livremente” da “nobre traição” de “todas as coisas que podem ser traídas”, advindas da “crença de estar de posse da verdade absoluta” (MA/HH, IX, 637). Esse homem “não pode dispensar a própria doença como meio e anzol para o conhecimento, até a madura liberdade, que é também autodomínio e disciplina do coração”. Experimenta-a “até a amplidão e refinamento interior que vem da abundância, [...] até o excesso de forças plásticas, curativas, reconstrutoras e restauradoras, que é precisamente a marca da grande saúde” (MA/HH, Prólogo, 4). Esta, “uma tal que não apenas se tem, mas constantemente se adquire e é preciso adquirir, pois sempre de novo se abandona e é preciso abandonar” (FW/GC, V, 382).

O tipo nobre, ainda mais filósofo, é um laboratório vivo de experimentação do pensar, sobre (su)a natureza (corpo-mente) e a cultura do tempo (*décadent*), pelo radical esgotamento do que resta dos valores em si mesmo, transvalorando-os conforme sua necessidade. A segunda natureza impera sobre o que é resistente da primeira reinterpreta-o à conformação do caráter. Aqui também há crueldade - “constrangimento do estilo”. A capacidade ruminativa de “assimilação psíquica” intensifica-se com a “força inibidora ativa” de sua (boa) consciência [*Gewissen*]. A criatividade na criação do belo caráter “aparece como arte e razão”: a “liberdade da razão” é ouvir, com “fé em si mesmo”, a voz do “gênio do coração”. À grande saúde: “da ótica do doente ver conceitos e valores mais sãos, e, inversamente, da plenitude e certeza da vida rica descer os olhos ao secreto labor do instinto de *décadence*” (EH, I, 1) – é preciso no fundo ser forte. Na “luta pela cultura” [*Kulturkampf*], tendo no coração *amor fati* e na visão qual tipo caráter/cultura, o homem nobre vive (su)a grande saúde, em palavras-atos, conquistando sua primeira e última exigência: “queremos nos tornar aquilo que somos – os novos, únicos, incomparáveis, que dão leis a si mesmos, que criam a si mesmos!” (FW/GC, IV, 335). É a “grande paixão” do “espetáculo daquela força que um gênio não emprega em obras, mas em si como obra” (M/A, V, 548). Pois, nesse moderno tempo de *décadence*, “todo aquele que deseja tornar-se livre tem de fazê-lo por si próprio” (FW/GC, II, 99).

Além do escrito, sim, “temos ainda do que rir”. Apesar dos pesares, “rir também”. Pois “tudo decisivo acontece apesar de tudo” (EH, Z, 1). *Freude - Freunde!* É preciso saber “testar [*Proben*] a si mesmo”, “saber preservar-se” – e, sobretudo, “rir de si mesmo”: o problema (do valor) do trágico. O (filósofo) nobre feliz, alegre espírito livre, transvalora, transfigura, estiliza. Em seu próprio caminhar já é “uma transvaloração de todos os valores”

(AC, 13). Desse modo, economia, domínio, ordenação de forças vitais endossam, nas letras nietzscheanas, “um novo conceito de cultivo de si, defesa de si” (EH, E, 3).

Se fui senhor

Da própria vida,

Agora o sou

Da minha morte.

— Será assim

Que partem os fortes?

A arte do conceito. Manuel Soares Bulcão Neto

\*\*\*

## Referências

COSTA, Gustavo. Hipocrisia, moralidade, caráter. In: *Nietzsche-Schopenhauer: Schopenhauer, Nietzsche e antiguidade*. Orgs.: Ruy de Carvalho, Gustavo Costa, Daniel Carvalho. Fortaleza: EdUece, 2012.

MOTA, Thiago. Nietzsche, Foucault e o sentido da Genealogia. In: *Nietzsche, Schopenhauer: gênese e significado da genealogia*. Org.: Gustavo B. N. Costa, José Maria Arruda, Ruy de Carvalho. Fortaleza: EdUECE, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. [UB/CoEx-III] III Consideração intempestiva: Schopenhauer educador. In: *Escritos sobre educação*. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. 6. ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2012.

\_\_\_\_\_. [AC] *O anticristo: maldição contra o cristianismo*. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

\_\_\_\_\_. [CD/CI] *Crepúsculo dos ídolos, ou, como se filosofa com o martelo*. Tradução de Renato zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

\_\_\_\_\_. [FW/GC] *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. [GM] *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. [WM/VP] *A vontade de poder*. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes, Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

\_\_\_\_\_. [EH] *Ecce homo: como tornar-se o que se é*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. [MA/HH] *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. [GB/BM] *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. [M/A] *Aurora: reflexão sobre os preconceitos morais*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. [W/CW] *O caso Wagner: um problema para músicos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. [GT/NT] *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. [UB/CoEx-I] I Consideración intempestiva: David Strauss, el confessional y el escritor. *In: Obras completas*. Tomo II. Tradução de Eduardo Ovejero y Maury. Buenos Aires: M. Aguilar Editor, 1949.

PELBART, Peter Pál. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. Tradução de John Laudenberg. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

STEGMAIER, Werner. *As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche*. Org.: Jorge Luiz Viesenteiner e André Luis Muniz Garcia. Tradução de Oswaldo Giacóia, *et. alii*. Petrópoles, RJ: Vozes, 2013.